

O SENTIDO DO TERMO “GEMÜT” EM KANT

Valerio Rohden

Pesquisador Aposentado do CNPq

Para Raul Landim Filho

I – PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

O presente trabalho originou-se de dificuldades de tradução do termo *Gemüt*, no decurso da preparação da tradução da *Crítica da Faculdade do Juízo* de Immanuel Kant ao português.⁽¹⁾

Kant entende o *Gemüt* (ânimo) como o princípio unificador das diversas faculdades em relação recíproca, tendo sentido transcendental cognitivo e também estético vivificante das faculdades de conhecimento. Entende também *Geist* (espírito) como a faculdade criadora do gênio, do qual se diferencia em parte o *Geist* enquanto espírito do gosto. Nesta última acepção é idêntico ao *esprit* dos franceses, os quais segundo Kant têm muito gosto mas não *Geist* em seu sentido peculiar.⁽²⁾ *Geist* é o princípio vivificante de nossas *Gemütskräfte* (faculdades do ânimo). Apreendendo o *Gemüt* antes de todo o particular, “o gênio consiste na faculdade de criar o universal e o ideal”.⁽³⁾ E Kant entende *Seele* (alma) em geral como substância metafísica.

(1) A tradução, feita por mim e Antônio Marques, saiu pela Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1993 (para o Brasil) e pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992 (para Portugal). A Seção I “Problemas de Tradução” saiu em versão, quase idêntica, no artigo “Tradução em Perspectiva”, *FSP* 29/12/90 e “200 Anos da *Crítica da Faculdade do Juízo* de Kant”, POA 1992, como contribuição posterior a este artigo, que tem início original na seção II.

(2) *Kants Gesammelte Schriften*. (KGS/Edição da Academia), vol. XV/1, Reflexão 930.

(3) KGS, XV/1, Reflexão 932.

Para o termo *Gemüt* ele fornece-nos os correspondentes latinos *animus* e *mens*: "Es ist im menschlichem Gemüt (*mens, animus*) als reinem, nicht als Seele des Menschen einwohnendes empirisch/praktisches Prinzip..." (Há no ânimo humano (*mens, animus*) enquanto princípio puro, não enquanto princípio empírico/prático, habitando a alma do homem...); "Erfahrung wovon haben ist ein Akt des Gemüts (*animus ohne anima zu heissen*)..." (Ter experiência de algo é um ato *Gemüt* (*animus* sem chamar-se *anima*)⁽⁴⁾).

A diferença de outras línguas, o espanhol, o português e o italiano possuem os termos "ânimo" e "mente" para os termos latinos *animus* e *mens*. O inglês possui só o termo *mind*, com o qual traduz *mens* e *Gemüt*. Já o francês não possui termo equivalente para nenhum dos dois, e então traduz *Gemüt* por *esprit*, e *Geist* (que deveria ser "espírito") por *âme*. Só que deste modo já não lhe resta um termo para a tradução de *Seele* (que deveria ser *âme*). De minha parte, entendo que os franceses fariam bem em introduzir para o termo alemão *Gemüt* o termo latino *animus*; então lhes restariam para o termo *Geist* o equivalente *esprit*, e para o termo *Seele* o equivalente *âme*⁽⁵⁾.

Diversamente de H. Friedmann, que a propósito do termo *Gemüt* enuncia, com uma certa dose de exagero, de que a falta de um termo em uma língua pode significar também a falta da coisa por ele designada⁽⁶⁾ e diversamente também dos que possam pensar que nos defrontamos com um conceito por natureza obscuro e portanto cientificamente inútil, penso que a propósito desse termo em Kant trata-se de um problema de compreensão equivocada de seu conceito⁽⁷⁾.

(4) KGS, *Opus Postumum*. XX: 112 e 484.

(5) Acerca das confusões criadas pelas diversas traduções dos termos *Gemüt*, *Geist* e *Seele*, vide o quadro comparativo, a propósito do § 49 da CFJ, na versão original espanhola deste artigo: "El término *Gemüt* en la Crítica de la facultad de juzgar. In: *Filosofia, política y estética en la Crítica del juicio de Kant*, Actas del Colóquio de Lima comemorativo del bicentenario de la tercera Crítica, editadas por David Sobrevilla, Lima, Goethe-Institut, 1991: 50-51.

(6) H. Friedmann. *Das Gemüt. Gedanken zu einer Thymologie*, München, 1956, p.1.

(7) M. Giusti, em "Nota sobre el origen del significado del concepto de 'espíritu' en Hegel, *Revista de Filosofia* (Lima), nov. 1987, XXIX-XXX; 2733, apresenta, sobre o conceito de *Geist* em Hegel, uma tentativa semelhante a esta minha sobre o conceito de *Gemüt* em Kant. A leitura de seu trabalho sugere-me que a perda do sentido do termo

A título de introdução observo esquematicamente que:

1 - O latim e algumas línguas latinas possuem para *Gemüt* os termos bastante adequados de "ânimo" e "mente".

2 - O termo "ânimo" possui uma mais visível relação com *Mut* - em inglês *mood* - (coragem, disposição), e também com *Gemüt* em seu sentido estético (vida), e menos com *Ge-Mut* (reunião de faculdades) em seu sentido transcendental.

3 - Para "ânimo" e "mente" os dicionários especializados são não obstante unânimes em dar-lhes um sentido comum de sede das faculdades de conhecer, de sentir e de apetecer. O próprio Grimm reconhece que *Gemüt* foi por longo tempo identificado com *mens* e *animus*. E faz uma interessante citação, de que o *Gemüt* como rei da alma decide entre o coração e a razão, e acrescenta: "Ainda em Kant *Gemüt* é igual a *animus*, bem diferentemente de hoje"⁽⁸⁾.

4. A tradução de *Gemüt* por ânimo ou mente oferece, não obstante, alguns inconvenientes:

a) o primeiro é que o termo "ânimo" contém, pelo menos em português, uma ambigüidade, apontando predominantemente na direção de *Gemüt* como sentimento;

b) o segundo é que o termo "mente" está predominantemente vinculado com as faculdades cognoscitivas (como no caso de R. P. Wolff, *Kant's Theory of Mental Activity*)⁽⁹⁾.

c) o terceiro é que este último termo confunde-se, nas atuais filosofias da mente, com o sentido metafísico de "espírito", como o mostra Peter Bieri em *Analytische Philosophie des Geistes*. Segundo ele, "mental opõe-se a físico como *terminus technicus* para todos os fenômenos que em um dualismo ontológico

Gemüt, sua identificação com o espírito e a redução de seu sentido a um sentido estético (quando não a um sentido psicológico, empírico ou subjetivo), possa dever-se a uma influência romântica ou hegeliana.

(8) J. e W. Grimm. *Deutsches Wörterbuch* (34 vols.), cf. principalmente o sentido 3 do verbete *Gemüt*, p. 3296.

(9) R.P. Wolff. *Kant's Theory of Mental Activity*, Gloucester, 1973. Uma identificação entre *facultas cognoscitiva superior* e *mens* encontra-se também no § 624 da *Psychologia empirica* de Baumgarten.

valem como não-físicos... E mental evoca corretamente a *mens* cartesiana e não a *psyché* aristotélica⁽¹⁰⁾; concluindo que a "filosofia do espírito" é o título para a análise de nossa habitual teoria mentalista sobre pessoas: "A filosofia do espírito é 'metafísica descritiva' do mental, para usar uma expressão de Strawson"⁽¹¹⁾.

Já todavia em um sentido kantiano de *Gemüt* a filósofa norte-americana H. Arendt publicou em inglês seu *The Life of Mind*⁽¹²⁾. O primeiro volume referiu-se ao pensamento, o segundo à vontade, e o terceiro, não escrito, deveria referir-se ao juízo.

5. Para evitar, pelo menos em parte, os equívocos apontados⁽¹³⁾, porém também com vistas à constituição de uma linguagem mais filosófica, que além do uso tome em consideração também razões, penso que se deve optar pela tradução do termo *Gemüt* por *ânimo*, preferido também por Kant como *animus*.

II – FONTE DE EQUÍVOCOS: A DEGENERAÇÃO DE SENTIDO DO TERMO

Vou dar um exemplo de como Kant, nas Reflexões sobre a Antropologia, adotou expressões da *Psychologia empírica* de Baumgarten a respeito do termo *Gemüt*. Assim na Reflexão 165 Kant emprega, para a expressão de Baumgarten *animi collectio*, a expressão *Sammlung des Gemüts* (recolhimento do ânimo)⁽¹⁴⁾. Baumgarten introduz o termo *animus*, na seção *Intellectus*, abruptamente e sem nenhuma justificação prévia.

(10) P. Bieri. *Analytische Philosophie des Geistes*, Meisenheim, 1981, p.4. Cf. tb K. Ameriks, *Kant's Theory of Mind*, Oxford, 1982.

(11) P. Bieri, op. cit. p. 25.

(12) H. Arendt. *The Life of Mind*, 2 vols., London, 1978.

(13) Grande parte destas dificuldades e equívocos poderiam remediar-se se os especialistas alemães se preocupassem mais com a coerência das traduções de seus filósofos a outras línguas.

(14) KGS, XV: 61.

Ao referir-se à faculdade apetitiva, Baumgarten usa a expressão *elateres animi*, que Kant adota como *Triebfedern des Gemüts* (causas impulsivas do ânimo), e chama a faculdade apetitiva, enquanto segue a faculdade cognoscitiva superior, *animus*⁽¹⁵⁾. Mas o *Gemüt* compreende aqui, como em Kant, as faculdades superiores e inferiores, as quais tanto podem estar em luta entre si (*dissensus*), como também em harmonia (*consensus*) relativamente aos estímulos (*Triebfedern*) que se opõem ou não à determinação dos motivos (*Beweggründe*).

Porque não há em Kant uma teoria do *Gemüt*, limitar-me-ei nesta exposição a uma descrição do uso deste termo por Kant, com base em diversas citações. Nas investigações de outros autores sobre o ânimo, que são poucas, não encontrei nenhuma que tratasse especificamente deste conceito em Kant, deste seu *Lieblingsausdruck*, como o observou Vahinger. S. Strasser, um dos poucos filósofos atuais a ocupar-se do tema em seu livro *Das Gemüt* em 1956, em uma perspectiva fenomenológica, conferindo-lhe uma função integradora espiritual, consagrou a Kant uma referência equívoca de menos de uma linha afirmando: "Em Kant o ânimo é quase um sinônimo de alma (Seele)"⁽¹⁶⁾. O mesmo ocorreu a N. Friedmann em *Das Gemüt*⁽¹⁷⁾. Ele identificou o *Gemüt* com o *thymós* grego, que significa afeto e paixão. Há nesses dois autores um duplo equívoco, primeiro, identificando o *Gemüt* com uma substância metafísica, e segundo, reduzindo-o aos sentidos. De seu significado de totalidade das faculdades transcendentais em Kant, o termo reduziu-se hoje ao significado de faculdade do sentimento aberta a valores. Já na *Estética* Hegel o identificava com o coração em oposição à universalidade abstrata da vontade. Segundo Ph. Lersch em *Aufbau der Person*, 1951, o ânimo é uma vivência que se verifica sempre onde há algo que nos *am Herzen liegt* (nos importa muito); o que nos ocorre quando temos que separar-nos do meio que se tornara familiar a nós. O conceito que segundo ele melhor explica esta vivência é o de *Bindung (religare)*, segundo o qual o

(15) Cf. os §§ 669 e 689 da *Psychologia empírica*, reproduzidos no vol. XV da Academia

(16) S. Strasser, *Das Gemüt*. Grundgedanken zu einer Theorie des Gefühlslebens, 1956, p. 122.

(17) H. Friedmann, *op. cit.* p.4.

ânimo é uma participação emocional de valores no homem, nas essências ou coisas, e um estar ligado com elas em uma vivência de copertencimento recíproco⁽¹⁸⁾. Nesta concepção reducionista do ânimo, o aspecto a meu ver positivo que neste conceito se manteve de Kant é que o *Gemüt* constitui uma vinculação que leva a pessoa mais além dela mesma: aos outros e ao mundo. Afora isso, parece-me ainda atual a frase de Goethe, resultante da redução do *Gemüt* à dimensão sentimental: "Os alemães não deveriam pronunciar a palavra *Gemüt* por um período de trinta anos, então o *Gemüt* se regeneraria. Agora significa tolerância contra as fraquezas próprias ou de outros"⁽¹⁹⁾.

Confirmando esta *Empfindelei* criticada por Goethe, Friedmann chega a afirmar que no significado do termo *Gemüt* "o feminino tem uma primazia substancial"⁽²⁰⁾. Ele também entende que para Kant o ânimo tem por significado a unificação de todas as representações dos sentidos no *Gemüt*. Não é por isso também estranho que ele tenha encontrado no termo grego *thymós* o equivalente mais perfeito do termo alemão *Gemüt*. Mas ele contribui em dois aspectos para a elucidação do sentido desta palavra:

1 - Ao chamar a atenção para o que também encontramos no dicionário *Deutsches Wörterbuch*, dos irmãos Grimm, de que o prefixo *Ge* é um signo integrador e reunificador. Assim *Gebirge* é cordilheira, *Gewissen* é todo o saber sobre o bem e o mal, *Gestirn* é constelação. Acrescenta-se a isso que tanto nos verbos o *ge* característico do tempo perfeito é um sinal de uma conclusão perfeita da ação, como que o gênero predominante neutro dos substantivos indica uma função de universalidade, ainda não diferenciada, e portanto com uma função integradora. Que reúne então o *Gemüt*? Segundo a lógica do pensamento de Friedmann, reúne um grande número de *Muten* (disposições): *Hochmut* (altivez), *Übermut* (alegria), *Kleinmut* (desalento), *Grossmut* (generosidade) etc... Esta é uma parte do sentido do termo. A outra é melhor indicada pelo dicionário Wahrig⁽²¹⁾, ao referir *Mut a* (ahd.) *muot*, com o significado de forças ou

(18) Ph. Lersch. *Aufbau der Person*, 1951, p. 234.

(19) A citação foi extraída do *Deutsches Wörterbuch* dos irmãos Grimm.

(20) H. Friedmann, *op. cit.* p. 91.

(21) G. Wahrig. *Deutsches Wörterbuch*, Gütersloh, 1968, p. 2500.

faculdades: Portanto, *Ge-Mut* quer dizer o todo das faculdades, de pensar, sentir e querer.

2 - Friedmann chamou a atenção para o sentido de *Gemüt* como um princípio formador tanto objetivo como intersubjetivo: "Por toda a parte onde se manifeste a forma (*Gestalt*) em um objeto que se dá, isto é, que vem ao encontro do homem, que o vivência, irrompe também no interior do homem o *Gemüt*"⁽²²⁾. "No momento em que o homem se aparta de uma *Ge-meinschaft* (comunidade) da qual ele precisa, a vida perde o sentido (*Gemütskrankheit* = demência), porque o ânimo é uma propriedade da vida não somente individual mas também coletiva"⁽²³⁾. Alguns aspectos da concepção Kantiana já estão implícitos no que eu disse até aqui: Trata-se de uma faculdade integradora não somente de faculdades, mas também de pessoas ao nível da participação em uma vida comum. Veremos a seguir mais detalhadamente os dois significados do termo *Gemüt* em Kant: seu significado transcendental e seu significado estético.

III – UMA FACULDADE GERAL TRANSCENDENTAL

Na *Crítica da razão pura* o *Gemüt* aparece como a totalidade das faculdades transcendentais. Ao fim da Introdução Kant refere-se, sem dizer o nome, a uma raiz comum e desconhecida dos troncos do conhecimento: "Como introdução ou advertência parece necessário dizer somente que há dois troncos do conhecimento humano, que talvez brotem de uma raiz comum, porém desconhecida a nós, a saber, sensibilidade e entendimento"⁽²⁴⁾. Já na introdução à *Lógica Transcendental* ele começa dizendo que o conhecimento se funda sobre duas fontes do *Gemüt*: "Nosso conhecimento surge de duas fontes fundamentais do *Gemüt*, a primeira das quais é a

(22) H. Friedmann, *op. cit.*, p. 7-8.

(23) H. Friedmann, *op. cit.*, p. 15.

(24) Kant. *Crítica da Razão Pura*. (CRP), B 29.

de receber as representações (a receptividade das impressões), a segunda é a faculdade de conhecer um objeto por essas representações (espontaneidade dos conceitos)"⁽²⁵⁾. O conhecimento é assim compreendido pela integração de duas faculdades. Neste sentido poderíamos dizer que a doutrina transcendental dos elementos na primeira Crítica poderia ser considerada o desenvolvimento de uma teoria transcendental do *Gemüt*. Para tanto Kant teria necessitado ser mais explícito sobre seu *Lieblingsausdruck*, escreve Vahinger, "sobre cujo uso ele não se manifesta ulteriormente na *Crítica da Razão Pura*"⁽²⁶⁾. Em dois outros escritos encontramos esta definição. No texto *Aus Sömmering: Über das Organ der Seele* (1796) Kant escreve: "Por *Gemüt* entende-se somente a *faculdade (animus)* que compõe as representações dadas e que efetua a unidade da apercepção empírica, todavia não a substância (*anima*) segundo sua natureza totalmente distinta da matéria, da qual então se abstrai"⁽²⁷⁾. Na *Antropologia* ele diz que o *Gemüt* é representado como uma simples faculdade de ter sensações e de pensar"⁽²⁸⁾. Portanto, enquanto usa o termo *Gemüt* em seu sentido transcendental, Kant deixa de empregar o termo *Seele* (alma), por ser demasiado marcado metafisicamente: "Kant prefere portanto a expressão *Gemüt* devido a sua neutralidade e ausência de compromisso; ele quer evitar a expressão *Seele*"⁽²⁹⁾. O conceito Kantiano não pode, por outro lado, ser reduzido a uma faculdade sensitiva, a menos que não dê conta de suas demais funções teóricas, práticas e estéticas.

Ao término da introdução à *Crítica da Faculdade do Juízo*⁽³⁰⁾, Kant apresenta em um quadro as faculdades gerais do *Gemüt*: faculdade de conhecimento, sentimento de prazer e desprazer e faculdade de apetição. Segundo a *Antropologia*, cada uma dessas faculdades subdivide-se em sensível e intelectual. Essas faculdades, na medida em que possuem autonomia, são chamadas superiores. Sua autonomia advém de sua

(25) CRP, B 74.

(26) W. Vahinger. *Kommentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*. Stuttgart, 1881, p. 9.

(27) I. Kant. *Werke in zehn Bänden*. Ed. por A. Weischedel, 1968, vol. IX, A 83.

(28) *Werke in zehn Bänden*, col. X, BA. 58.

(29) Vahinger, *op. cit.* p.9.

(30) Cf. CFJ, LVIII.

aprioridade. No caso das faculdades de conhecimento, ela funda-se sobre os princípios constitutivos do entendimento: a conformidade a leis; no caso do sentimento de prazer e desprazer, ela funda-se sobre o princípio da faculdade do juízo: a conformidade a fins, independente de conceitos e sensações; no caso da faculdade de apetição, ela funda-se sobre o princípio da razão: o fim terminal (*Endzweck*). Dentro do *Gemüt* este conceito da conformidade a fins, da faculdade do juízo, exerce uma função fundamental de mediação entre os conceitos de natureza e liberdade. Estes âmbitos são conectados pela espontaneidade das faculdades de conhecimento, "cuja concordância é fundamento de prazer". Trata-se aí, segundo a tábua, de uma aplicação do *Gemüt* a esses conceitos mediante a arte. Quer dizer, eles não atuariam diretamente entre si, mas se separariam por um abismo sem nenhuma ponte, embora a liberdade, enquanto inteligível, possa atuar sem contradição sobre a natureza do homem como fenômeno, mediante uma aplicação do conceito de fim terminal. A faculdade do juízo opera essa mediação através do conceito de conformidade a fins. Se, pois, é a faculdade do juízo que dá a regra para essa mediação, então, podemos dizer que toda a articulação entre as faculdades do *Gemüt* funda-se sobre a faculdade do juízo.

As faculdades de conhecimento superiores (entendimento, juízo e razão) formam, de acordo com a terceira seção da introdução à *Crítica da Faculdade do Juízo*, uma família, da qual a faculdade do juízo constitui o nexo, o qual, se não o faz com uma legislação própria, contudo tem um princípio próprio e um certo território, porém sem um domínio de objetos. Não obstante, mais importante que o parentesco cognoscitivo Kant considera aquele que têm entre si as faculdades de representação (de conhecimento, de sentimento de prazer e desprazer, de apetição), para explicar a passagem da faculdade de conhecimento à de apetição mediante a faculdade do juízo. Os termos família e parentesco têm a ver com a natureza do *Gemüt*: este constitui uma série de faculdades na medida em que podem ser derivadas de um fundamento comum (*aus einem gemeinschaftlichen Grunde*, Mellin), cuja autonomia toma o nome de atividade de ligar ou separar representações.

Tanto na perspectiva teórica como na prática, Kant estabeleceu um certo desequilíbrio entre as faculdades mediante um primado ora do entendimento, ora da razão. Na perspectiva estética dar-se-ia, por sua vez, um primado da faculdade da

imaginação, ou talvez um equilíbrio entre elas, ao ponto de não ser notada a presença de leis nelas. Foi desta maneira que Schiller compreendeu esteticamente o *Gemüt*: "O *Gemüt* passa da sensação ao pensamento mediante uma disposição intermediária, na qual sensibilidade e razão são *simultaneamente* ativas, precisamente por isso suprimem sua força determinante e por uma contraposição efetuam uma negação. Esta disposição intermediária, na qual o *Gemüt* não é coagido nem física nem moralmente e contudo é ativo de ambos os modos, merece chamar-se prioritariamente uma disposição livre"⁽³¹⁾. No estado estético o ânimo é livre no mais alto grau. Kant criticou a aplicação desta concepção à ética, mas não o teria feito se a tivesse julgado em sua perspectiva própria, a estética.

IV – O SENTIDO ESTÉTICO DE "GEMÜT"

Com isso passo a explicar melhor a concepção estética do *Gemüt*. Na *Crítica da faculdade do juízo* este conceito é elucidado em estreita relação com o conceito de vida e é articulado mediante uma relação de faculdades. O juízo de gosto só tem como fim uma relação de faculdades de representação, a qual se dá como promoção da vida.

Na Observação geral à exposição dos juízos estéticos, Kant escreve: "O ânimo é por si só inteiramente vida (o próprio princípio da vida)" - *Das Gemüt ist für sich allein ganz Leben (das Lebensprinzip selbst)*⁽³²⁾. Que significa isto, que o ânimo é inteiramente vida? O conceito de vida define-se como "a faculdade de um ente de atuar de acordo com suas representações"⁽³³⁾. Representações são fins que o próprio agente se propõe. A vida é uma capacidade de atuar de acordo com seus próprios fins. Um estado de ânimo pode ser representado como concorde com os fins sem que ele próprio tenha

(31) F. Schiller. *Über die ästhetische Erziehung des Menschen*, XX. Brief, in: *Werke in drei Bänden*, Ed. por H. G. Göpfert, München, 1966, II, p.493.

(32) CFJ, B. 129.

(33) I. Kant. *Metaphysik der Sitten*, in: *Kants Werke*, VII, AB. 1.

que representar este fim, basta que o representemos segundo uma certa forma, em cuja observância abstraímos do fim ou da matéria pela reflexão. A concordância com as condições subjetivas da vida chama-se prazer. Sempre que existe esta concordância a vida é promovida. A consciência deste prazer é a consciência da promoção da vida. Por isso o prazer que experimentamos no juízo estético é o de um sentimento de promoção de uma certa forma de vida. O sentimento de prazer e o sentimento de vida são idênticos: "Na consciência da representação de um objeto unida com a sensação de complacência, a representação é referida totalmente ao sujeito e, na verdade, ao sentimento de vida sob o nome de prazer e desprazer"⁽³⁴⁾ De modo mais forte Kant dirá numa Reflexão: "O consenso com a vida: o prazer" (*Der consensus mit dem Leben: die Lust*)⁽³⁵⁾.

Eu vejo quatro maneiras de distinguir a relação entre *Gemüt* e vida: 1) No próprio jogo das faculdades; 2) na relação das faculdades do gênio com o gosto; 3) na relação entre o *Gemüt* e o corpo; e 4) na idéia de um sentido comunitário.

Em primeiro lugar, a promoção da vida dá-se pelo livre jogo das faculdades do ânimo, pelo qual este é vivificado. O melhor exemplo de uma vivificação completa do ânimo é, segundo Kant, a poesia, na qual o ânimo entra em total ação por um concerto de suas faculdades. É por este envolvimento integral das faculdades do ânimo que a poesia logra sua máxima beleza: "A poesia é o mais belo dos jogos, na medida em que investimos nela todas as faculdades do ânimo" (*Poesie ist das schönste aller Spiele, indem wir alle Gemütskräfte darin versetzen*)⁽³⁶⁾.

Para que apreciemos o significado desta concepção em nosso tempo, cito o poeta Carlos Drummond de Andrade:

"Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?"

(34) CFJ, B. 4.

(35) KGS, XV/1, Reflexão 1021.

(36) KGS, XV/1, Reflexão 618.

É a senha da vida
a senha do mundo
vou procurá-la⁽³⁷⁾.

A vivificação do ânimo por esse jogo de faculdades confunde-se com a própria noção de beleza, ao ponto de esta ser definida como consciência da promoção da vida: "Aquele fenômeno que na intuição desperta a consciência da promoção da vida é belo"⁽³⁸⁾ Por isso demoramo-nos em sua contemplação e renovamo-nos através dela.

Em segundo lugar, o gênio é constituído por uma certa unificação das faculdades da imaginação e do entendimento, na qual o conceito do entendimento toma da imaginação livre o material, não objetivamente para conhecer mas subjetivamente para vivificar as faculdades de conhecimento. O princípio desta vivificação é o espírito (*Geist*): "Espírito, em sentido estético, significa o princípio vivificante do ânimo" (*Gemüt*)⁽³⁹⁾. O termo latino "*genius*" forma-se de "*gigno*", e quer dizer precisamente "o gerador de vida". O princípio vivificante do gênio é a faculdade de apresentação de idéias estéticas, as quais são representações ilimitadas da faculdade da imaginação, que dão muito a pensar e das quais nenhum conceito dá conta, e que se formam a partir de atributos (uma grande quantidade de representações aparentadas, vinculadas por seu uso livre). Kant dá um exemplo desses atributos, comparando o ocaso do sol, com toda a sua irradiação, com o termo da vida de um homem virtuoso: "Assim o poeta vivifica sua idéia racional do caráter cosmopolita ainda ao fim da vida com um atributo"⁽⁴⁰⁾ (uma série de sensações e representações paralelas para as quais não se encontra expressão). O gênio consiste em conseguir idéias para um conceito dado e encontrar expressão para elas, pela qual a disposição subjetiva do ânimo pode ser comunicada. Sendo capaz de apreender o jogo passageiro da faculdade de imaginação - a beleza é a expressão do efêmero - e unificando-o em um conceito, o gênio comunica sem coerção ao gosto algo até aí indizível. Para lograr esta

(37) Carlos Drummond de Andrade. *Discurso de primavera e algumas sombras*, in: *Nova reunião*, II, RJ., 1983, p. 949.

(38) KGS, XV/1, Reflexão 789.

(39) CFJ, B. 192.

(40) CFJ, B. 196.

comunicabilidade, o gênio ou o artista tem que disciplinar sua liberdade sem lei e adaptar-se, por uma tarefa laboriosa, ao gosto. "O gênio está sob o foro (*Richterstuhl*) do gosto"⁽⁴¹⁾. Ou seja, o gosto torna-se a faculdade principal, porque é nela e para ela, como um espaço público, que a comunicação pode concretizar-se. Portanto o espírito é uma vivificação do gosto.

Em terceiro lugar, o espírito (*Geist*) é a vivificação da sensibilidade mediante idéias. Por isso podemos compreender que esta ação dá-se em uma relação com o corpo. A beleza desperta-nos a sensação de nossa adaptação ao mundo (mas, eu acrescentaria, mais do que a ele a um universo humano). Já vimos que somente pela beleza o homem pode ter uma unidade de animal e racional; por esta ele sente-se ligado a um corpo, e é nesta ligação que a vida encontra sua promoção e seus obstáculos. A frase que eu citara antes - o ânimo é por si inteiramente vida - ocorre no contexto de uma concordância com Epicuro, de que deleite e dor (*Vergnügen und Schmerz*) são em última análise corporais e que a consciência de nosso bem-estar ou mal-estar depende desta relação: "Porque a vida - escreve Kant - sem o sentimento do órgão corporal é simplesmente consciência de nossa existência, mas nenhum sentimento de bem-estar ou mal-estar, isto é, a promoção ou inibição das forças da vida; porque o ânimo é por si inteiramente vida (o próprio princípio da vida) e obstáculos e promoções têm que ser procurados fora do mesmo e contudo no próprio homem, por conseguinte em vinculação com seu corpo"⁽⁴²⁾. Esta vinculação do *Gemüt* com o corpo não é exterior na medida em que se dá pela sensibilidade, em cujo âmbito se exerce a reflexão estética. Kant pensa que a vida é animada por um princípio que unifica o homem: "O princípio da vida parece ser um princípio de unificação das almas com o corpo, que atua por si mesmo e sobre o qual a vontade não tem nenhuma influência"⁽⁴³⁾.

Procurei mostrar, através destas formas de exercício do gosto e de atuação do espírito, uma vivificação do ânimo que se dá pelo jogo das faculdades da imaginação

(41) KGS, XV/1, Reflexão 876.

(42) CFJ, B. 129.

(43) KGS, XV/1, Reflexão 1033.

e do entendimento, as quais incluem sensibilidade e reflexão, e portanto não só razão mas também sensações e a própria animalidade do homem.

O que quero dizer, em quarto lugar, é que essa vivificação se dá, por um lado, através da relação entre as faculdades, mas por outro - e isto é que quero destacar - sobre a base de uma idéia de comunidade humana: a vivificação verifica-se sobre a base de uma idéia de *sensus communis* (para Kant um sentido comunitário), no qual o prazer resulta de um ponto de vista universal que eu assumo no ato do juízo, incluindo nele virtualmente o juízo de todos os outros. Kant disse na Antropologia que o gosto é uma faculdade social "faculdade de julgamento social de objetos externos na faculdade da imaginação"⁽⁴⁴⁾. O gosto, o próprio juízo, é um *sensus communis*, um sentido comum. "Sentido" quer dizer o efeito da reflexão sobre o *Gemüt*. Ou seja, a reflexão torna o *Gemüt* comum, isto é, eleva-o e estende-o até um ponto de vista universal, desde o qual julga, incluindo nesta ação todos os outros. Assim o *Gemüt* não se vivifica só por um jogo interno de faculdades, mas por uma comunicabilidade intersubjetiva dos homens entre si.

Destaquei o sentido comunitário do ânimo. Quero explicitar, a título de conclusão, sua liberdade e mostrar que o prazer pelo qual ele é vivificado é um prazer em sua liberdade. O ânimo, como princípio de vida, é um princípio de atividade. Quanto maior é esta atividade própria, ou seja, sua atividade espontânea, maior é a consciência da vida: "A vida é autoatividade"⁽⁴⁵⁾. A vida tem uma dinâmica essencial na alternância de prazer e desprazer, esperança e temor, trabalho e repouso, dormir e sonhar. Por sua intranquilidade o ânimo é um impulso constante à mudança. Ele encontra repouso em um jogo harmônico de representações e na própria beleza livre. Mas enquanto a beleza o satisfaz, o espírito (*Geist*) o põe em movimento. *Geist* é a própria liberdade do *Gemüt*. A liberdade, que é princípio do *Gemüt*, manifesta-se principalmente através do juízo como uma eleição de vida em comum, uma vida livre e comunicativa como forma máxima de vida no homem.

(44) *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*, BA. 187.

(45) KGS, XV/1, Reflexão 574.

Sabemos que o juízo, não sendo interessado, é livre e universal. Vimos que ele funda sua condição de possibilidade na idéia de um sentido comunitário, e que (segundo a *Antropologia*) ele é uma faculdade de julgamento social. Neste juízo social o *Gemüt* sente-se livre: "Aqui o *Gemüt* sente sua liberdade no jogo da imaginação (portanto da sensibilidade); pois sociabilidade pressupõe liberdade - e este sentimento é prazer"⁽⁴⁶⁾. Esta forma de vida originária, que é a vida do *Gemüt*, ele a realiza pela reflexão, em suas dimensões de liberdade e universalidade. Isto é o que encontro expresso de forma definitiva na seguinte Reflexão do período crítico (1780-90): "Liberdade é a vida originária e em sua interconexão a condição da concordância de toda a vida; por isso o que promove o sentimento de uma vida universal causa um prazer. Sentimos, porém, a vida universal? A universalidade faz com que todos os nossos sentimentos concordem entre si, não obstante não haja uma espécie peculiar de sensação desta universalidade. Ela é a forma do consenso"⁽⁴⁷⁾.

Com isso espero ter contribuído um pouco para a compreensão do *Gemüt*, que é em primeiro lugar a perspectiva de um todo de faculdades em relação recíproca. A interpretação do *Gemüt* em relação com o conceito de vida não é mais do que a elucidação do que Kant afirmou no primeiro parágrafo de sua terceira *Crítica*. A relação entre *Gemüt* e forma universal de vida parece-me ser um modo renovado de pensar a estética de Kant.

(46) *Anthropologie*, BA. 187.

(47) KGS, XIX, Reflexão 6862.